

# Ressonâncias da Palavra no Corpo

O sujeito é formado pelo encontro da palavra com o corpo  
Ressonância semântica da palavra sobre o corpo  
O corpo simbólico transcende o organismo  
As palavras moldam nosso jeito de ter um corpo  
O encontro comprometedor com o Outro. O “eu” como efeito de alienação ao Outro  
O sujeito se constitui ao se subtrair do Outro  
A aposta da psicanálise

Angélica M. Souza  
Luciane C. Stern

*“Tento juntar palavras para dizer às pessoas quais são os problemas, de onde eles vêm, onde se escondem, como encontrar ajuda para resolvê-los se for possível. Mas são palavras. E não nego que são poderosas, porque a nossa realidade, o que nós pensamos que é o mundo, esta sala, nossa vida, nossas lembranças, são palavras. Mas, apesar de ter vivido tantos anos, não consegui resolver o problema de transformar as palavras em carne”.*

Zygmunt T. Bauman, in Revista MGMagazine,  
09.12.2014)

Pensando na “matéria-prima” que constitui um sujeito, poderíamos dizer que ele é formado pelo encontro da palavra com o corpo. O corpo é afetado pelas palavras, pois há uma ressonância semântica no corpo. A palavra deixa marcas no corpo e aponta para experiências que o sujeito encenará ao longo da vida, fazendo engajamentos de vida e morte.

É por essa razão que a psicanálise não se interessa pelo corpo, mas pelas forças que operam nele – as pulsões, que são as forças energéticas do corpo. Sigmund Freud, que era médico, criou a terapia pela palavra e excluiu o tratamento direto dos corpos. Os corpos estão presentes e visíveis. Os psicanalistas, no entanto, abstêm-se de curá-los por meio de uma intervenção física.

O psicanalista francês J. A. Miller diz que não há psicanálise do corpo. O corpo está inscrito e representado no inconsciente, o qual é marcado por partes desse mesmo corpo: seio, fezes, voz, olhar. Ainda que a psicanálise não trate diretamente dos



corpos, ela fala sobre eles, de seus sintomas, de sua sexualidade, de seus gozos. E é na falha da identificação do sujeito entre ser um corpo (biologicamente traçado por suas funções) e ter um corpo (apropriação das experiências) que a psicanálise encontra seu valor e espaço de trabalho.

Pensemos nos anoréxicos que colocam em questão sua obsessão pelo peso e as medidas ideais, sentindo-se gordos, embora visivelmente magros. Nos transexuais, que recusam a própria anatomia e se sentem tomados por um corpo que não lhes corresponde; possuem uma identidade psíquica diversa da identidade biológica, desejando uma cirurgia de redesignação sexual a fim de atribuírem um novo estatuto para seu corpo. Há ainda as pessoas bonitas que se acham feias e vice-versa, entre outras. Enfim, observamos uma infinidade de exemplos que ilustram de que maneira o ser humano persegue como fantasma errante a unidade de sua imagem corporal.

Para a psicanálise, o corpo falante é diferente do organismo. A medicina tem acesso ao organismo e a psicanálise ao corpo falante - este que registra em seus órgãos a materialidade e os impactos da palavra. Esse corpo simbólico, que transcende o organismo e o corpo real, imputa diversas marcas ao sujeito. Por esse motivo, alguns médicos ficam muitas vezes sem entender como tratamentos de última geração podem não produzir efeito algum em sujeitos que teriam todas as possibilidades de se beneficiar deles. E o oposto também ocorre: pacientes que os médicos consideram irrecuperáveis em uma UTI se recuperam. No fim das contas, há corpos que impõem lutas invisíveis que nenhum aparelho de ressonância magnética é capaz de detectar.

As neurociências tentam em vão localizar o corpo falante como uma propriedade do organismo, em alguma região do cérebro. A genética tenta reduzir o corpo a informações de seu DNA, apesar de se ver confrontada frequentemente com corpos que contrariam sua condição genética. Vemos assim que há verdades produzidas pelo corpo, verdades inscritas pelas palavras que constroem esse corpo.

### **Como as palavras moldam nosso jeito de ter o corpo**

Vivemos num enlaçamento do corpo com a palavra, com a linguagem, com o significante. Ninguém nasce sujeito. Viramos sujeito a partir da linguagem, somos seres de linguagem, produtos dela.

Pensemos no bebê em seus primeiros meses. Tudo lhe é dito de modo antecipado pelos cuidadores. Se está com fome, calor, frio, se está triste, magoado, raivoso, se é uma criança calma ou agitada. O sujeito não fala por si só, mas o Outro que fala pelo sujeito. São as ressonâncias da voz, que ocorrem previamente ao desenvolvimento da linguagem articuladas e que vão fazer embate com o corpo. A unidade do nosso corpo não se manifesta desde o início, precisamos de alguém para integrá-lo, dando-lhe consistência.

Esse encontro com o Outro é sempre comprometedor. Compromete e inaugura o sujeito em uma inscrição paradoxal – que é ao mesmo tempo o “nada”, por não lhe pertencer de fato, e o “não nada”, por já lhe ser inerente. A inscrição comprometida inaugural do Outro sobre o sujeito é o que o funda e o demarca num campo imaginário do Outro pré-estabelecido. Nesse sentido podemos falar da alienação fundamental do sujeito humano; ou seja, o sujeito não pode ser definido. Ele tem que ser indicado no processo de sua constituição, que se põe dialeticamente no “vir a ser”.

O corpo depende do Outro e de relações constituídas nessa dependência. O corpo é marcado pela inscrição que o Outro faz, e que legaliza nossos lugares no mundo dando-nos uma identidade imaginária fundada no corpo. Com o pré-texto que se antecipa ao sujeito, não há meio, nesse primeiro momento, de se definir o sujeito como consciência de si mesmo.

Resta, dessa maneira, a posição de ser para o Outro alguma coisa. Algo ou alguém que cumprirá uma função específica. Isso deixa, por assim dizer, uma marca no sujeito, que é marca do desejo e da subjetividade do Outro - e será essa a marca inaugural e original. Assim, antes de o sujeito ser capaz de contar sobre si, ele é contado pelo Outro. Antes de o sujeito dispor da linguagem, ele é sujeito do enunciado e não da enunciação.

Como Lacan diz, nosso corpo é uma colagem surrealista. Uma fala se entrecruza com outra, compondo um mosaico lingüístico que dá ao sujeito uma miragem de unidade. Sustentamo-nos sobre pedaços de gozo e linguagem. São pedaços seletivos que, quando eleitos, abrangem uma experiência indizível, singular, que forma as experiências do “eu”. O eu, longe de ser unificante, é um efeito de alienação ao Outro. É por uma aquiescência simbólica do Outro que é dado ao corpo sua imagem unificante, que será sempre ilusória.

#### **Exemplificando com um caso clínico:**

Certa vez, recebemos uma moça muito bonita que veio à consulta por dificuldades sexuais. Na relação sexual, só admitia coito anal, e não vaginal, o que incomodava a ela e ao parceiro. Essa era sua queixa principal, o sintoma que desejava retificar. No decorrer da análise, constatamos que a moça também não se permitia vestir com roupas femininas e sensuais, que marcassem os contornos de seu corpo. Além disso, tinha escolhido uma profissão predominantemente masculina e conservava uma postura diante da vida que mais se assemelhava a um homem do que a uma mulher.

A mãe da paciente, por ocasião de seu nascimento, fez um enxoval todo na cor azul, pintando o berço que tinha sido de sua irmã também nesta cor. Ter um varão em casa era a única escolha possível, e quando a criança nasceu a mãe deu o nome na versão feminina do original masculino escolhido anteriormente. Por exemplo: André virou Andréa. O que aqui nos interessa constatar é como seu corpo estava marcado pelo desejo e pelas palavras de sua mãe, das quais ela havia se apropriado a ponto de descentrá-la e fazê-la se perguntar: “Ao invés de uma moça, deverei ser como um rapaz?”. “Somente homens têm prerrogativas na nossa sociedade?”.

O corpo não para de nos dizer coisas, é nossa história viva. Resultado daquilo que nos marcou e constituiu, mesmo antes de nosso nascimento. A linguagem e o desejo da mãe, incorporados pela paciente, desenharam o corpo e forneceu os caminhos de sua circulação libidinal, o que apontou para o seu modo de gozo e para aquilo que deixou marcas indeléveis em sua construção psíquica.

Com Lacan, reafirmamos: “Que o dito primeiro decreta, legifera, sentencia, é oráculo, confere ao Outro real sua obscura autoridade” (In Escritos, p.822). Podemos, inclusive, pensar o próprio nome do sujeito como um designador rígido, uma subordinação do sujeito ao Outro, como um significante que representa um sujeito. Alguns exemplos de nomes associados à profissões:

Vânia Cansado, especialista em estresse; Aureliano Pinto, urologista; Ana Lisa, psicanalista; Marcos Dias, fabricante de calendário; Décio Machado, lenhador; Maria Natividade, parteira.

Para além do significante e do significado, há a significação que cada sujeito atribui no nível de seu prisma particular, pois cada um recebe a palavra à sua maneira.

É preciso ser dito que apesar do montante de palavras que recairão sobre nós, nem todas nos constituirão como sujeitos. Incorporamos algumas e outras tantas descartamos. E é dessa forma que passamos de corpo falado para corpo que fala, resultando daí um novo estatuto de corpo, sendo que deste produto surge a nossa autoimagem.

O sujeito se constitui ao se subtrair do desejo do Outro, ao descompletá-lo, ao subverter a inscrição desta combinatória inicial, separando-se do Outro. A alteridade o conduz ao caminho do seu próprio desejo. O sujeito vai de sua imagem especular à constituição do seu Eu; isto é, à constituição dele enquanto desejante.

O processo é circular entre o sujeito e o Outro. O sujeito é chamado ao Outro, pelo que ele viu de si mesmo aparecer no campo do Outro e do Outro que a ele retorna. Apesar de esse processo ser assim, trata-se de um processo dissimétrico e sem reciprocidade. Se não seríamos todos sujeitos petrificados pelas palavras do Outro, verdadeiros robôs. Mas somos todos chamados a falar. A falar como sujeitos, o que serve como ponto de ruptura com o Outro e ponto de partida para funcionamento de nosso inconsciente de modo singular.

O sujeito e o seu corpo se apresentam como uma elaboração de sentido criacionista a partir da separação do sujeito em relação à palavra do Outro. O corpo é real, mas não natural. O corpo humano é um corpo construído. Construímos e reconstruímos nosso corpo muitas vezes, com o que há de mais singular na amarração própria de cada um.

A psicanálise fala do Outro da linguagem para que se revele certo sentido, um sentido que não pode ser reduzido a nenhum código universal. Por essa razão, a psicanálise executa sua práxis no singular, no caso a caso, pois é sabedora de que não há solução única que abranja todos os seres humanos. Afinal, cada um inventa sua solução particular, a ficção que sustentará o seu viver.

### **A psicanálise tem palavras diferentes para cada um de nós**

A clínica psicanalítica contemporânea procura fazer com que o sofrimento de um sujeito não lhe seja excessivo. Tenta fazer com que suas marcas que não podem ser desfeitas possam ser ao menos reduzidas e que seus sintomas fiquem a favor da pessoa. O psicanalista é convocado a intervir no mal-estar e no sofrimento. Busca ouvir o inaudito e na surpresa inventa com os pacientes saídas imprevistas, mudando a direção em curso.

A intervenção do psicanalista traz à luz uma nova abordagem de antigos temas que faziam o sujeito ficar preso a correntes invisíveis arrastadas vida afora.

### **Segunda vinheta clínica:**

Chega ao consultório uma paciente de 40 anos que havia acabado de perder uma gravidez de trigêmeas, aos seis meses de gestação, após anos de tratamento em clínicas de fertilidade. Vem

muito sofrida, inconsolável e sem fazer o luto necessário da gravidez perdida. Fala dos meninos como se vivos estivessem, mas mesmo assim prossegue no tratamento de fertilidade visando a uma nova gravidez, já que, ainda haviam restado óvulos congelados para novas fertilizações in-vitro.

Faz a segunda tentativa, mas os óvulos não vingam. Num determinado momento, a analista diz: “Ninguém engravidada de útero cheio”. Ela e seu corpo entendem a mensagem e isso a faz chorar copiosamente. Conta que chorou por dias seguidos, depois resolveu ir a uma cerimônia de sua religião e fez um rito de passagem dos meninos para outro plano espiritual.

Poucos meses depois, a paciente, efetivamente de luto e com o útero vazio, engravidou sem tratamento algum, e deu à luz uma robusta menina. Podemos pensar a palavra da analista como uma substância que tocou o real do corpo da paciente, processando transformações.

A palavra atravessa tempo e espaço. O golpe da língua reanima os corpos, pois coloca na superfície o extravagante desejo, o qual precisa ser reconhecido quando causa sintoma. Atingimos pontos doloridos com o bisturi certo da palavra e é por meio dela que se curam muitas feridas não cicatrizadas, com o analista oferecendo uma fala possível à insustentável leveza do ser.

Essa é a aposta que orienta o trabalho psicanalítico - ler aquilo que pode estar inscrito no sintoma: uma mensagem de desejo, timbrada em um corpo.

Agosto / 2016

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

**ANSERMENT, F.** - “Escolher seu sexo: usos contemporâneos da diferença dos sexos”, In Latusa, 20, Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Rio, Rio de Janeiro, 2015.

**FREUD, S.** - Conferência XXI “O Desenvolvimento da Libido e as Organizações Sexuais” (1916/17), In Obras Completas de Sigmund Freud , ESB, vol. XVI, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1976.

\_\_\_\_\_. - Conferência XXIII “Os Caminhos da Formação dos Sintomas” (1916/17), In Obras Completas de Sigmund Freud , ESB, vol. XVI, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1976.

\_\_\_\_\_. - “Sobre O Narcisismo: Uma Introdução” (1914) In Obras Completas de Sigmund Freud, ESB, vol.XIV, Imago Ed., Rio de Janeiro, 1976.

**LACAN, J.** - O Seminário, livro 6 : “O desejo e sua interpretação”. (1958/59), Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2016.

\_\_\_\_\_.- “Conferência em Genebra sobre o Sintoma” In Opção Lacaniana: Revista da Escola Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 20, Edições Eólia, São Paulo, Dezembro 1998.

**MILLER, J. A.** - “Biologia Lacaniana e Acontecimento de Corpo”, In Opção Lacaniana: Revista da Escola Brasileira Internacional de Psicanálise, n. 41, Edições Eólia, São Paulo, Dezembro 2004.